

ESCAVAÇÃO DA MAMOA 3 DA ABOGALHEIRA (SERRA DA ABOBOREIRA — AMARANTE)

Por

Vítor Oliveira Jorge*
Eduardo Jorge Lopes da Silva**

1. INTRODUÇÃO

A escavação deste pequeno monumento megalítico foi levada a cabo, sob a orientação dos signatários, de 30 de Julho a 3 de Agosto de 1990, durante a 13ª campanha do projecto do «Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira». A conclusão da pesquisa em tão curto espaço de tempo útil — apenas cinco dias — só foi possível graças à excelente qualidade da equipa que se conseguiu ali reunir¹ e, necessariamente, às reduzidas dimensões e simplicidade estrutural da mamoa estudada.

A razão de ser deste trabalho é óbvia, se nos lembrarmos dos princípios que norteiam aquele projecto: análise exaustiva da necrópole da Aboboreira, por forma a determinar-lhe os limites cronológicos e a variedade tipológica, e, ao mesmo tempo, as relações, de toda a espécie, dos monumentos entre si e com o espaço envolvente. Constituir, enfim, um «banco de dados», tanto quanto possível

* Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Porto.

** Instituto de Arqueologia, Universidade Portucalense, Porto.

¹Composta pelo Dr. António da Silva Pereira, do G.E.A.P., cujo dedicado e precioso auxílio é justo destacar, pelos Drs. Carla Stockler Nunes e José Manuel Varela, da direcção do mesmo Grupo, pelo Dr. Alexandre Lourenço Correia, por estudantes universitários portugueses e espanhóis, e por um trabalhador manual, numa média de c. de 12 pessoas por dia. De entre os estudantes, queremos realçar a excelente colaboração, entre outros, dos seguintes alunos da Universidade Portucalense: Conceição Matias, Filomena Rocha, Nuno Soares, Nuno Olaió e Paulo Lisboa. Finalmente desejamos agradecer a participação da Drª Margarida Moreira, do G.E.A.P., no trabalho preliminar de levantamento da planta do sítio. Financeiramente, os trabalhos foram viabilizados pela Câmara Municipal de Baião e pelo Instituto da Juventude. Devidamente aprovados pelo I.P.P.C. (por ofício de 4.7.90), não beneficiaram de qualquer subsídio desse Instituto.

completo, para um conjunto tumular pré-histórico situado num ambiente homogéneo, e susceptível, assim, não só de permitir a formulação de modelos de interpretação sociológica do mesmo², como também de fornecer parâmetros de referência para outras necrópoles, ou *tumuli* isolados, do Norte de Portugal³.

Sabendo-se que o núcleo megalítico da Abogalheira, ou do Lameiro do Espinheiro, é constituído por três monumentos⁴, e tendo os dois restantes sido já escavados anteriormente (respectivamente em 1979/80 — Mamoa 1 — e em 1981/82 — Mamoa 2⁵), impunha-se agora o estudo do terceiro e último, que nem por ser praticamente imperceptível no terreno e, portanto, à partida, pouco prometer em termos de revelação de estruturas e de espólios conservados, deixou de merecer a nossa atenção, adentro da linha de exaustividade acima enunciada. Sem dúvida, só com a sua análise se pôde concluir as observações já feitas neste núcleo, e, bem assim, perspectivar melhor tal núcleo no contexto de todo o conjunto tumular aboboraico.

2. METODOLOGIA

A limpeza sumária do terreno (coberto apenas por vegetação rasteira), a sua quadriculagem e registo de cotas para levantamento da planta do sítio, foram as tarefas prioritárias. Esse trabalho incidiu sobre uma área quadrada, com 12 m. de lado. As cotas foram obtidas a partir de um nível 0 convencional correspondente ao topo de um dos pilares de cimento⁶ existentes na proximidade da mamoa.

Dadas as pequenas dimensões do monumento, optou-se por iniciar os trabalhos num sector rectangular, orientado no sentido Oeste-Este, com 12 x 2 m., passando pelos vestígios da câmara. A decapagem desse sector, ao revelar mais restos da mesma câmara, e também de revestimento do *tumulus*, impôs a abertura de dois novos sectores rectangulares, um a sul, com 6 x 4 m., e outro a norte, com 4,60 x 2 m. Uma «banqueta» com 40 cm de lado ficou assim situada entre os quadrados A1 e A2, permitindo a leitura de um corte transversal do *tumulus* no sentido W — E até ao fim dos trabalhos. Dada a simplicidade da estratigrafia encontrada, julgou-se inútil o registo em desenho

² Como primeira tentativa nesse sentido, v. V.O. Jorge, *Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais*, *Revista da Faculdade de Letras — Série de História*, vol. VI, Porto, 1989, pp. 365-443.

³ O segundo signatário (E.J.L.S.) prepara uma dissertação de doutoramento sobre aspectos do megalitismo no litoral minhoto e na área da prov. do Douro Litoral imediatamente a sul do mesmo rio (Cinfães, Castelo de Paiva), na qual se equacionarão questões e novos dados que permitem alargar, numa visão ampla, problemáticas inicialmente suscitadas pela experiência, de algum modo pioneira, da Serra da Aboboreira.

⁴ V.E.J. Lopes da Silva e A.L. da Cunha, *O núcleo megalítico da Abogalheira*, *Arqueologia*, Vol. 17, Junho de 1988, pp. 40-44.

⁵ V.A.L. da Cunha e E.J. Lopes da Silva, *Escavação da Mamoa 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira — Concelho de Amarante)*, Porto, G.I.A.N., 1982; E.J. Lopes da Silva, *O núcleo megalítico da Abogalheira (Serra da Aboboreira — Amarante) e uma datação pelo C14*, *Revista de História*, Porto, Univ. Livre, vol. I, 1984, pp. 11-50.

⁶ Altura deste pilar acima do solo: 93 cm.

de outros cortes, cuja informação era redundante em relação ao mencionado.

No fim da escavação os restos de câmara foram cuidadosamente escorados com pedras e todas as áreas abertas foram cobertas com pedras e terra.

3. A MAMOA

A mamoa 3 da Abogalheira localiza-se no sítio do Lameiro do Espinheiro, pertencente à Serra da Aboboreira, distrito do Porto, concelho de Amarante e freguesia de S. Simão (Gouveia). Trata-se de uma chã à altitude média de 940 m., que se estende para oeste de Outeiro de Ante, elevação em torno da qual se dispõem outras superfícies aplanadas — que designámos Outeiro de Ante e Outeiro de Gregos⁷ — correspondentes, no seu conjunto, à maior concentração de túmulos pré-históricos da Serra, uma vez que totalizam um mínimo de 11. Para sul do núcleo de mamoas aqui considerado situa-se o limite dos concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses. O nome de Abogalheira advém-lhe da designação do marco geodésico existente na área. Quanto a «Lameiro do Espinheiro» é um microtopónimo de fácil explicação, uma vez que na zona existem diversos lameiros, ou áreas alagadiças e de bom pasto para o gado (uma delas situa-se imediatamente para norte da mamoa 3), sendo o espinheiro um arbusto relativamente frequente na Aboboreira.

A mamoa em estudo (cota: c. 941 m.) encontra-se a c. de 45 m. para W da mamoa 2 (c. 944 m.); o monumento nº 1 (c. de 946 m.), o maior dos três, acha-se mais afastado, a c. de 120 m. para NW da mamoa 3. É significativo que seja o *tumulus* mais pequeno aquele que se apresenta num ponto mais baixo e marginal da chã, praticamente encostado a uma linha de água. É óbvio que a monumentalidade não foi aqui procurada, já pelas dimensões, já pela implantação, variáveis que em regra se correlacionam mutuamente, na Aboboreira e noutros pontos do Norte do país.

As coordenadas geodésicas do local, de acordo com a «Carta Militar de Portugal», na esc. de 1: 25000, folha 113 — Amarante, são as seguintes:

41° 11' 22" Lat. N.
1° 5' 30" Long. E. Lx.

A mamoa possui uns 9,5 a 10 m. de diâmetro, sendo aproximadamente circular. A altura do montículo conservado não excede, em geral, os 50 cm. Se atendermos à altura actual do esteio 1 (c. de 1 m.), de um outro possível esteio encontrado

⁷Gregos é, com certeza, uma corruptela de Gredos, que deveria ter sido a designação popular correcta do sítio, como refere o Eng^o Augusto de Miranda Pinho (v.o seu folheto, *Normas Práticas de Prospecção Arqueológica*, Amarante, ed. autor, 1989, p. 20).

tombado na área da câmara (c. de 1,40 m), e, ainda, às dimensões de blocos ou lajes exumados, e que tudo indica serem fragmentos de ortostatos, não é muito provável que a mamoa ultrapassasse, originalmente, c. de 1,5 m. de altura, na sua área central. Poderia até ser mais pequena, se a laje de maior tamanho, aparentemente um pouco dissonante das demais (e que não parece, pela sua forma, poder interpretar-se como um fragmento da tampa), fosse um esteio que estivesse mais enterrado, ou mais inclinado, do que os outros. De notar, aliás, que os dois restos de ortostatos conservados assentam directamente em terras da c. 2 e não no saibro do substrato (a base do esteio 1, por ex., dista c. de 18 cm. do topo do *bed-rock*). Evidentemente que o que hoje encontramos não passa de um despojo, desfeito pelos saqueadores e pela erosão. Basta reparar, através da planta e corte que apresentamos, que o sítio é quase plano, mal se adivinhando a existência de qualquer volume tumular; de facto, a oscilação de cotas na mamoa, antes dos trabalhos, não ultrapassava os 50 cm.

A mamoa encontra-se revestida por uma couraça pétreia, em granito (que é também a matéria-prima dos esteios), em geral dando a impressão de ser quase horizontal, irregularmente conservada, e sobretudo muito danificada em torno da câmara. Recorre com alguma frequência a lajes de porte médio, «fechando», na periferia, através de alguns desses elementos dispostos obliquamente (como se pode observar no desenho do corte W-E). Esse «fecho» é em regra duplo, isto é, para além do perímetro das lajes oblíquas mais interiores da periferia, existem, externamente, algumas outras pedras para reforço das primeiras.

A estratigrafia registada no *tumulus* é muito elementar:

c. 1a (esp.: 15-30 cm.) — Terras castanhas escuras, com muitas raízes, intensamente húmidas, pouco compactas.

c. 1b (esp.: 20-30 cm.) — Terras castanhas escuras, mais compactas do que as de 1, com muitos grânulos de quartzo.

A couraça pétreia encontra-se entre a camada 1a e a 1b, ou já nesta segunda. Pensamos que ambas, no seu conjunto, correspondem aos restos do montículo artificial, que se sobrepôs a um nível de terra existente no local (nível esse que, entretanto, sofreu uma natural evolução pedológica). De facto, nem na sua periferia a mamoa assenta sobre a alterite granítica, como frequentemente acontece.

c. 2 (esp.: 30-40 cm.) — Terras castanhas mais claras do que as de 1, compactas.

c. 3 — Granito alterado da base (saibro).

Antes da escavação apenas se via nitidamente, aflorando do terreno, o esteio nº 1 (cota do topo: 66 cm.), com uma altura acima do solo de c. de 40 cm., e parte da laje tombada a que já fizemos referência, e que reproduzimos na Est.

VII (com o nº 7). Estes restos da câmara eram, até, o mais sólido indício de que nos encontrávamos perante um pequeno megálito funerário. Infelizmente, os trabalhos não foram muito elucidativos quanto à forma da primitiva câmara, de que apenas se conservam dois restos de esteios aproximadamente *in situ*, os n.ºs 1 e 2. Do primeiro, apesar de estilhaçado na extremidade distal, admitimos que a maior parte tenha chegado até nós; do segundo apenas existe a parte inferior. As suas dimensões máximas conservadas são:

- est. nº 1: alt. – 1,04 m; larg. – 0,72 m.; esp. – 0,12 m. (topo) e 0,04 m. (base);
- est. nº 2: alt. – 0,74 m; larg. – 0,80 m.; esp. – 0,08 m. (topo) e 0,12 m. (base).

De notar que o esteio 1 se encontra ligeiramente inclinado para W, e, o que resta do esteio 2, inclinado para sul, neste caso cedendo ao peso exercido pela mamoa e contraforte da câmara após a violação desta última. A parte conservada daquele contraforte acha-se situada na zona imediatamente a NW dos dois ortostatos mencionados, a cotas que oscilam entre 30 e 60 cm. de profundidade em relação ao topo do esteio 1. Tratar-se-ia de um pequeno contraforte, circunscrito à periferia da câmara, com uma largura de c. de 70 cm. Na planta 2 assinalámo-lo com um ponteadado, com que também se encontram preenchidas duas pequenas pedras (marcadas com ??) localizadas, respectivamente, para SW e SE da câmara; suspeitamos que possam ter pertencido à mesma estrutura, embora o carácter muito danificado desta não no-lo permita afirmar com certeza. Se de facto as pudéssemos identificar como elementos do contraforte, então estaríamos perante uma pequena câmara com uma largura (ou diagonal) de c. de 1 m. Mas tal não passa de uma hipótese inconfirmável, apenas nos sendo lícito afirmar que a câmara, dolménica ou cistóide, seria de reduzidas dimensões. O seu enchimento, composto de terras húmusas, aliás alvo de peneiração na íntegra, revelou-se completamente revolvido.

4. RECOLHAS EFECTUADAS

O artefacto mais significativo que esta mamoa revelou foi um fragmento de elemento fixo (dormente) de moinho manual, em granito de grão médio, achado entre as pedras da couraça de revestimento, na extremidade sul do quadrado N7 (entre este e o N8), à cota de 1,10 m., assinalado na planta 2. Tem a face superior com um formato sub-elíptico; está aplanada pelo uso, sendo ligeiramente côncava (eixo maior: 24 cm.; eixo menor: 16 cm.). Secção plano-convexa, sub-rectangular (12 cm. de espessura máx.).

Como é sabido, o achado destes elementos de moinho, tanto fixos como móveis, é frequente, quer nas couraças quer nos contrafortes das mamoas da Aboboreira. Interpretamo-lo habitualmente como o reaproveitamento, a título de material de construção, de artefactos fora de uso, sugerindo que terão provindo de contextos domésticos próximos dos túmulos. Todavia, a hipótese desta prática

ter sido devida a outra ordem de intenções não é de descartar.

No enchimento da câmara (quadros N1/A1) detectaram-se alguns fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões e aspecto heterogéneo, testemunhando o revolvimento desses sedimentos. Dois deles, minúsculos, são provavelmente pré-históricos; um, muito corroído, seria decorado com caneluras ou sulcos horizontais na face externa, paralelos ao bordo (alt. máx. – 1,6 cm; larg. máx. – 1,8 cm; esp. máx. – 0,7 cm). Os restantes quatro são feitos com roda, de cor cinzenta escura, e aspecto «medieval». Destes, dois são provavelmente fragmentos de uma mesma asa, apesar do maior (comp. – 3,6 cm.; esp. máx. – 1,2 cm.) ter uma secção sub-rectangular de cantos arredondados, e o menor (comp. – 2,5 cm; esp. máx. – 1,1 cm), sub-elíptica.

Quanto a carvões, a única amostra, à partida, interessante para datação, proveniente do N1 (cota – 1,60 m. – camada 2), foi declarada insuficiente pelo laboratório do CSIC (Madrid), pelo que se goraram as nossas perspectivas de poder datar este monumento. Com a finalidade de serem analisados antracologicamente, recolhemos ainda carvões, em pequenas quantidades, nos quadrados N1 (c.2), B1 (c.2) e A7 (c. 1b e c.2).

5. PALAVRAS FINAIS

O núcleo megalítico da Abogalheira era, com probabilidade, composto por três câmaras poligonais simples, insertas em *tumuli* de terra e revestimento de couraça pétrea, de dimensões médias a pequenas. Situado nas proximidades dos núcleos de Outeiro de Gregos e de Outeiro de Ante, difere assim consideravelmente destes, que são mais diversificados internamente, tanto em termos tipológicos como, eventualmente, cronológicos. Em Outeiro de Gregos temos cinco monumentos, sendo notório o contraste, por ex, entre a mamoa 2, com um dólmen simples, neolítico, de porte médio, e a mamoa 1, um *cairn* do Bronze Antigo, com cista poligonal. Apesar de apenas separadas por algumas dezenas de metros, estas mamoas estão apartadas por mais de mil anos na data da sua construção. Se pensarmos agora em Outeiro de Ante, e apenas tomando em linha de conta os três monumentos que chegaram até nós e foram escavados (é possível que tivesse existido pelo menos mais um), é profundo o contraste das dimensões, por ex., entre a mamoa 1 e a mamoa 2, apesar de ambas terem uma câmara relativamente grande, aberta a nascente. E os materiais campaniformes encontrados no segundo monumento — apontando pelo menos para uma reutilização tardia — contrastam vivamente com o espólio mais antigo ou «arcaizante» das mamoas 1 ou 3.

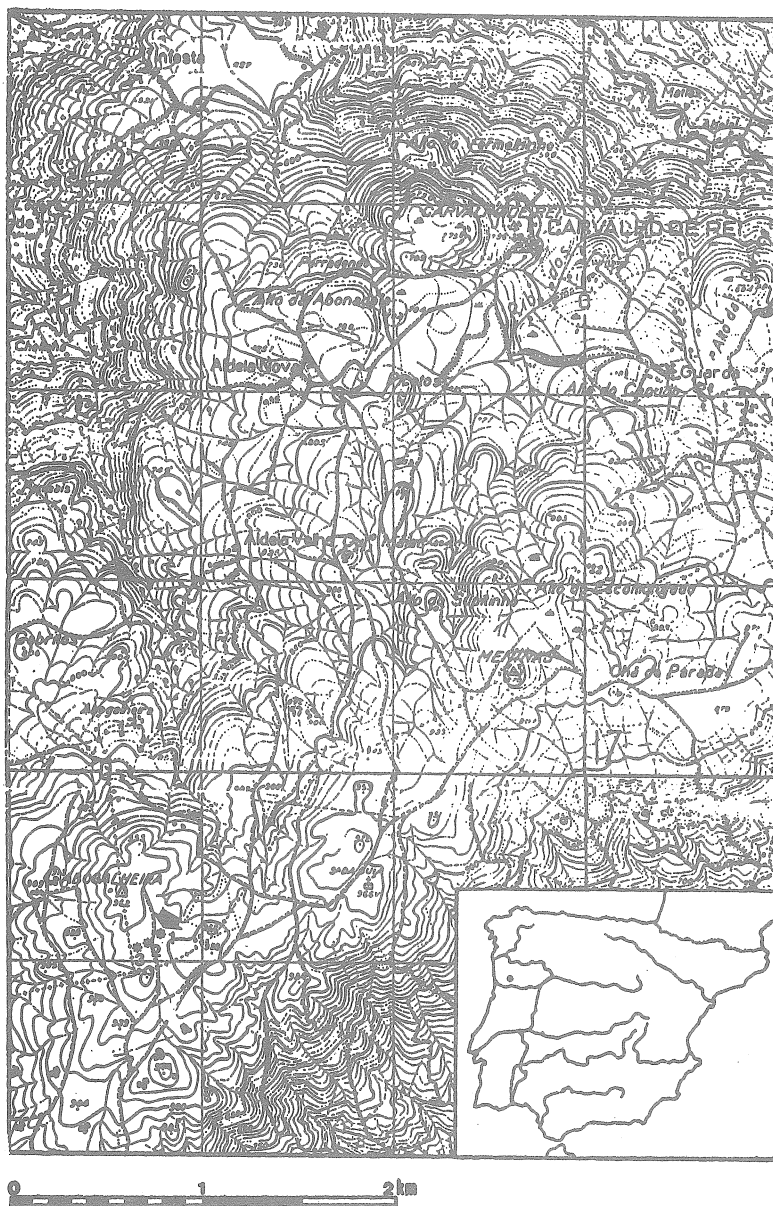
Na Abogalheira destaca-se das demais, sem dúvida, a mamoa 1, não tanto pelas dimensões do *tumulus*, que até não estão muito longe das das outras duas, como pela sua posição sobranceira na chã, e sobretudo pelo anel de blocos de granito que rodeia a área central e que, independentemente de poder ter outros sentidos, circunscreve a zona, sagrada por excelência, da câmara. Contemporânea da primeira construção ou aposição posterior (é impossível sabê-lo), essa característica até agora única na Aboboreira (na modalidade peculiar que aqui assume)

representa como que uma «sobrecarga simbólica», quiçá a sublinhar a importância da pessoa ou pessoas inumadas naquele túmulo, e consequentemente do grupo social a ele ligado.

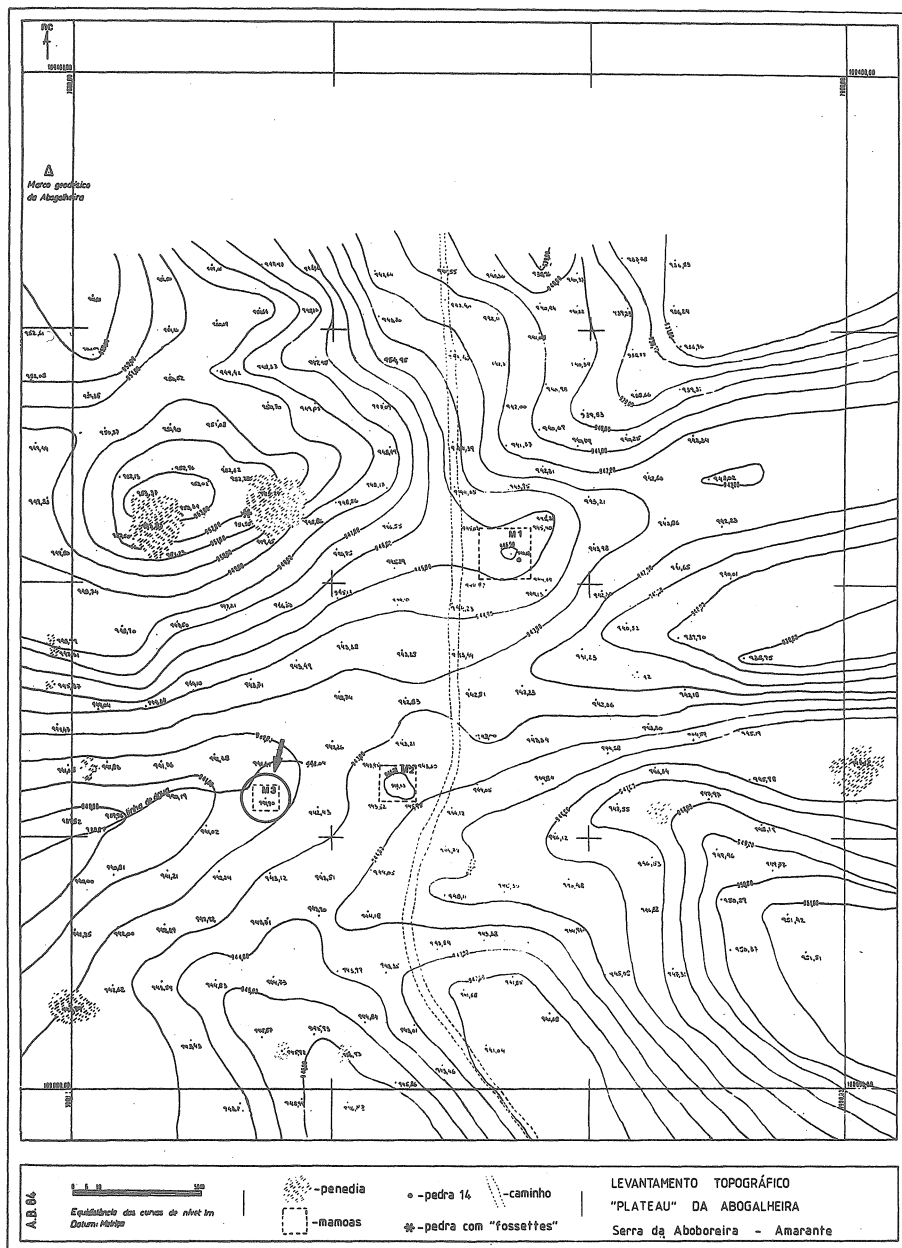
A escavação da mamoa 3, no verão de 1990, não nos veio, é certo, trazer grandes surpresas ou dados muito enriquecedores. Mas, pelo que nos confirmou sobre a tipologia do *tumulus* e da câmara, e que já suspeitávamos, permitirá agora afirmações mais seguras sobre o conjunto deste núcleo e sobre o seu significado no contexto aboboraico, e o levantamento de uma gama mais rica de hipóteses.

Na Aboboreira, como em tantos outros lados do Noroeste português, as chãs, ou pequenos planaltos rodeados de afloramentos graníticos, serviram com frequência de «quadro cénico» aos núcleos de mamoadas. Ao escolherem-nas, as comunidades pré-históricas podiam, adentro da grande unidade das necrópoles ou conjuntos, delimitar sub-conjuntos, constituídos por um só ou por vários monumentos, construídos numa fracção de tempo mais ou menos longa. Evidentemente que a realidade que conhecemos terá resultado, em certos casos, de adições feitas no decorrer dos séculos ou dos milénios, e não podemos garantir que as intenções subjacentes e até as comunidades responsáveis por cada núcleo ou conjunto tenham sido sempre as mesmas. Mas o simples facto de podermos «ler» a paisagem megalítica como um conjunto de aposições culturais feitas num meio-ambiente naturalmente compartimentado (e portanto, por esse mesmo acto de escolha, culturalmente «marcado» no seu conjunto) é já uma perspectiva extremamente enriquecedora, do nosso ponto de vista. Para tentarmos interpretar esses sinais e suas múltiplas relações, é fundamental um estudo sistemático de núcleos, conjunto a conjunto, insertos no respectivo meio físico. Temos de saber o máximo sobre cada um destes elementos, para tentarmos decifrar essa «mensagem» que sabemos conterem, e que nos escapa.

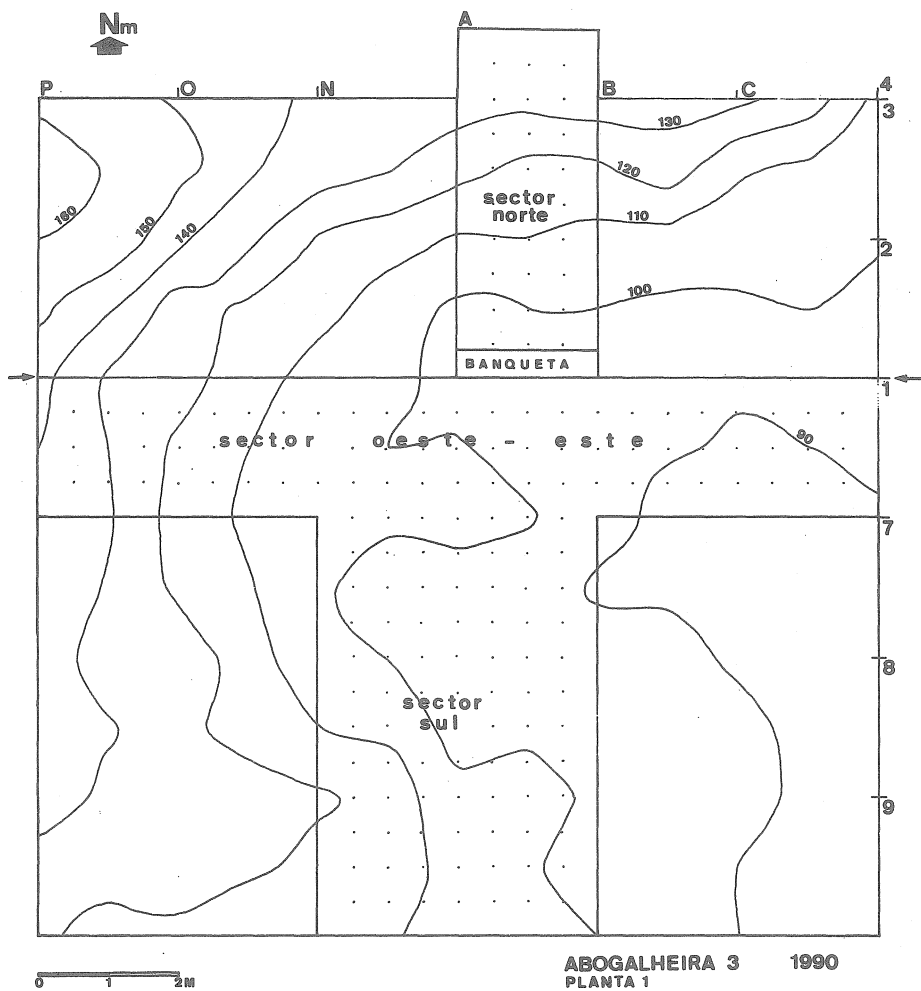
A intuição de que estamos no caminho certo não nos faz esquecer as múltiplas falhas de informação de que sofremos. Mas as dificuldades a contornar, as incertezas e os erros a ultrapassar, ou, por outras palavras, a imensa distância entre o que gostaríamos de saber e os dados adquiridos, é o dia-a-dia da ciência. Temos a obrigação de definir com lucidez a melhor estratégia e de a prosseguir sem desfalecimento, sem pressa de resposta. Em qualquer laboratório de investigação é a rotina quotidiana, dirigida no sentido correcto, que levará um dia ao momento da descoberta realmente importante. A escavação da mamoa 3 da Abogalheira foi realizada num espírito de «rotina», no sentido apontado; foi mais um passo no processo de conhecimento desta necrópole pré-histórica. Um passo que só adquire o seu sentido se o observamos integrado na trajectória do estudo iniciado em 1978, ali bem perto, na mamoa 3 de Outeiro de Ante.



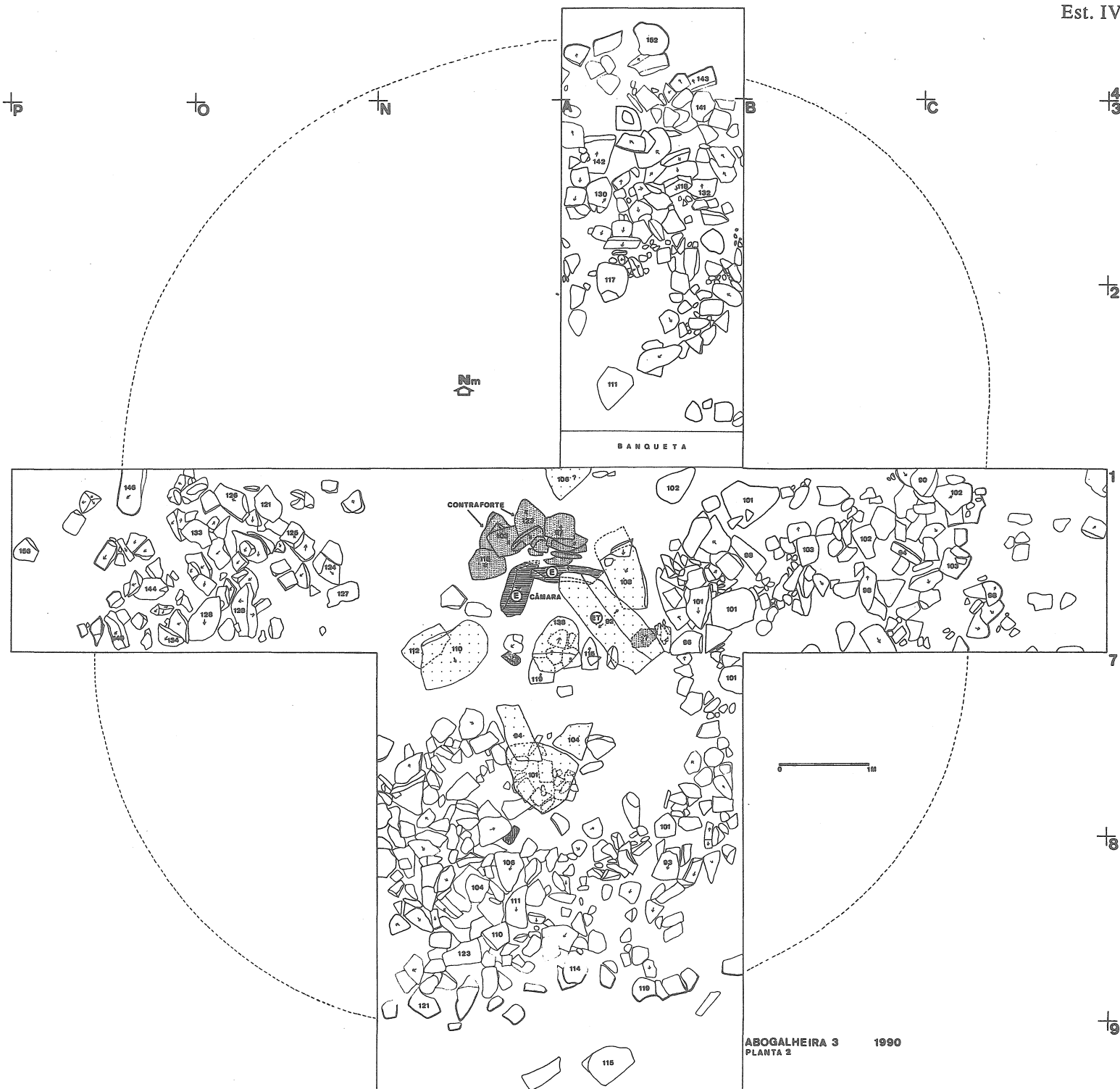
Localização do núcleo megalítico da Abogalheira (seta) na Serra da Aboboreira e no conjunto da Península.



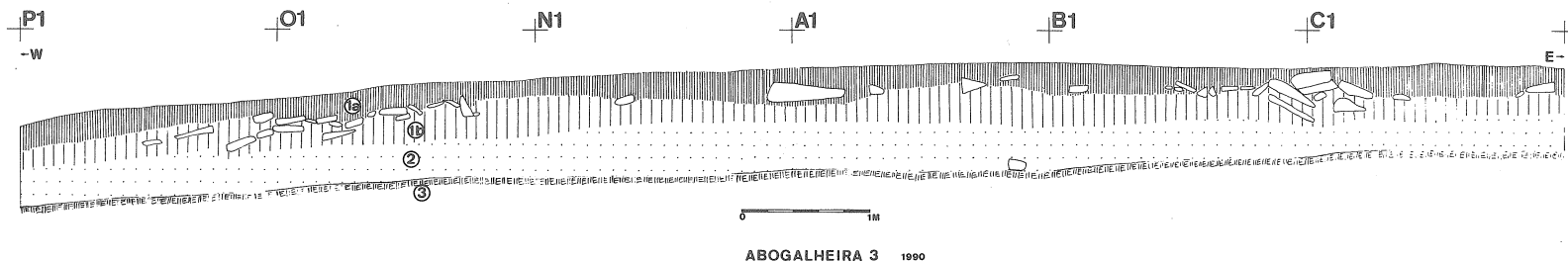
Localização das três mamooas da Abogalheira na respectiva chã. A mamooa 3 está assinalada com um círculo e uma seta. Levantamento de A. Bessa (1984).



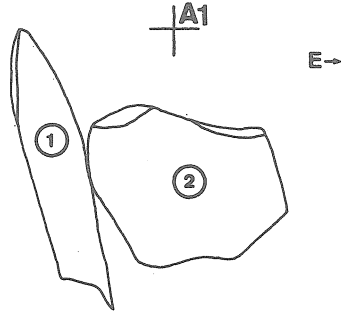
Áreas escavadas (a ponteados) na Mamoa 3 da Abogalheira. Equidistância das curvas de nível: 10 cm.



Planta da mamoa 3 da Abogalheira após a decapagem superficial. O hipotético contorno do *tumulus* está marcado por uma linha a tracejado. A ponteados: esteio e possíveis fragmentos de esteios (e da tampa?) tombados; ponteados densos: restos do contraforte da câmara. Tracejado: esteios.



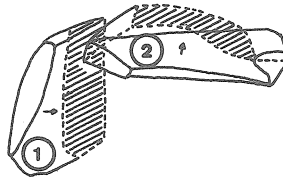
Corte W – E da Mamoa 3 da Abogalheira. V. descrição de camadas no texto.



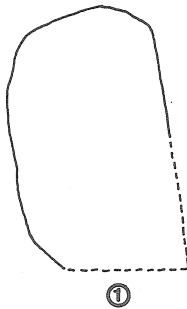
ALÇADO



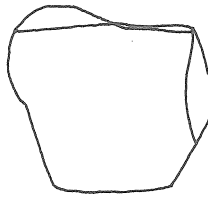
PLANTA



ESTEIOS



①

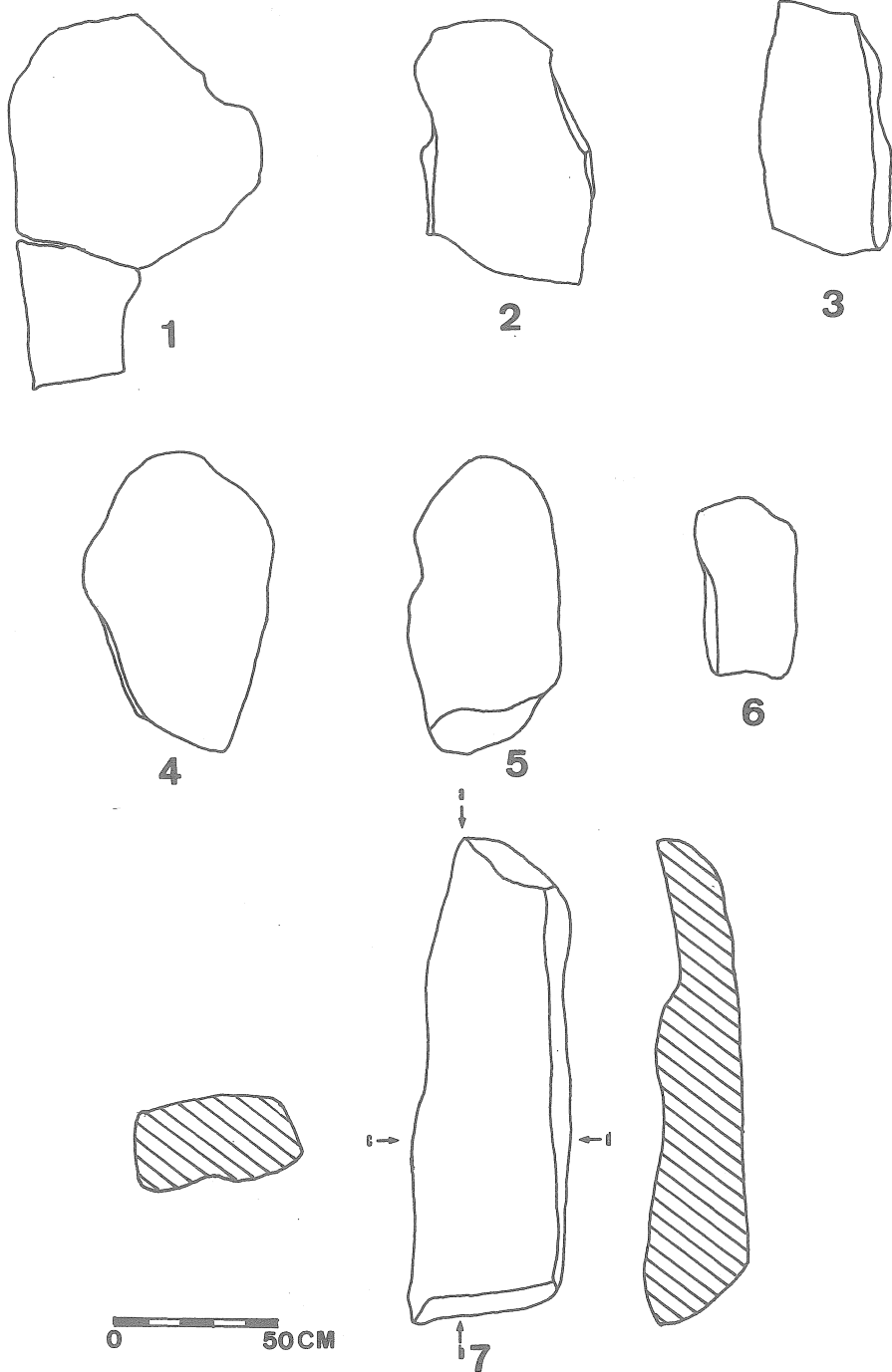


②



Em cima: planta e alçado dos restos da câmara.

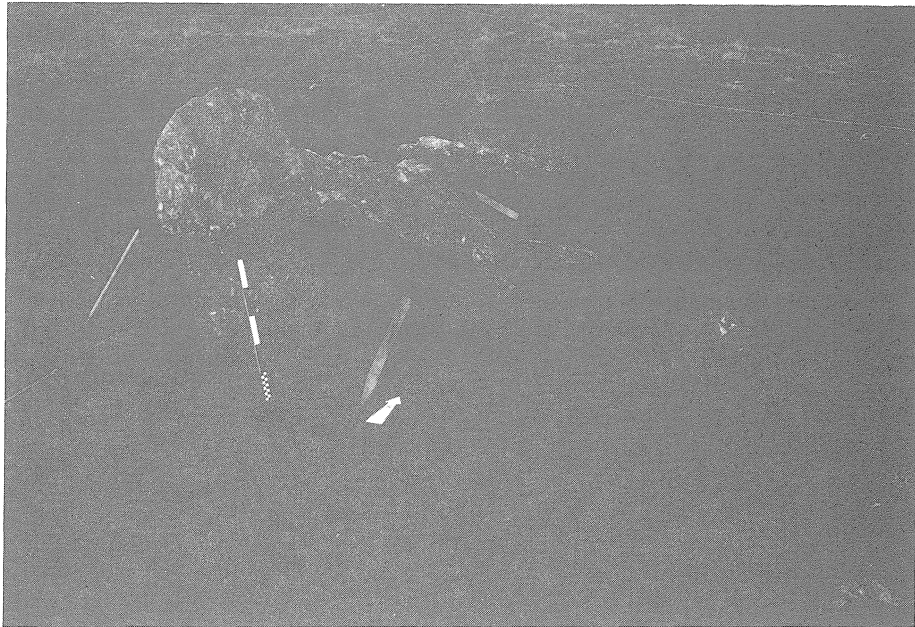
Em baixo: desenho planimétrico dos dois esteios melhor conservados da câmara.



Grandes lajes tombadas na área da câmara, devendo corresponder a um esteio (7), fragmentos de outros (2 a 6) e, eventualmente, da tampa (1?).



1 — A mamoa antes dos trabalhos, estando marcado com uma seta o topo do esteio visível *in situ*, e com um asterisco o pilar de cimento cujo topo serviu para marcar o nível 0 convencional. Mamoas 1 e 2 em segundo plano e, no horizonte, a Serra do Marão.



2 — Os restos de câmara encontrados, no fim dos trabalhos.



Aspecto da couraça da mamoá no sector Sul, vendo-se os restos de câmara e o corte W - E desenhado, ao fundo.